



BREVE HISTÓRICO DA RESSIGNIFICAÇÃO DA AYAHUSCA NA RELIGIÃO SANTO DAIME

BRIEF HISTORY OF THE REINTERPRETATION OF THE AYAHUASCA BEVERAGE IN THE SANTO DAIME RELIGION

BREVE RELATO DE LA RESIGNIFICACIÓN DE LA AYAHUASCA EN LA RELIGIÓN “SANTO DAIME”

Isabela Lara Oliveira¹

RESUMO:

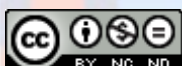
A Ayahuasca é um chá com propriedades psicoativas, utilizado milenarmente pela população nativa amazônica. A partir do início do século XX, a população não índia passou a ter contato com a bebida e formaram-se novos contextos de utilização desse chá, além de novos significados para ele. Entre esses contextos encontra-se a religião Santo Daime, uma religião brasileira, cristã, de cultura essencialmente oral. O presente artigo analisa o processo de ressignificação da Ayahuasca nessa religião entre as décadas de 30 e 60. A hipótese que se coloca é que a ressignificação da Ayahuasca no contexto da religião se insere no processo dialético mais amplo de construção social de significados que fundamenta a constituição da religião. Como metodologia foi utilizada a análise do conteúdo das memórias e das histórias orais presentes na religião. A partir dessa análise, observou-se que o processo de ressignificação da Ayahuasca é um evento contínuo, inserido no processo dialético de formação da religião; que inicialmente a bebida era percebida pelos seguidores como uma droga e que foi progressivamente ganhando o significado de sacramento cristão. No presente, delinea-se a construção de outro significado para a bebida: patrimônio histórico e cultural da nação brasileira.

Palavras-chave: Santo Daime. Ayahuasca. Psicoativos. Ressignificação religiosa. História.

ABSTRACT:

Ayahuasca is a tea with psychoactive properties that has been used for more than a thousand years by the native population in the region of the Amazon forest. In the early twentieth century, the non-native population came in contact with it and new contexts of use –as well as new meanings for the beverage - were developed.

¹ Doutora em História, mestrado em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UnB), professora adjunta da Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília (UnB), Pesquisadora correspondente do NEIP - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos e membro da ABESUSP - Associação Brasileira de Estudos de Substâncias Psicoativas. E-mail: isabelalara@gmail.com



Among these new contexts is the Santo Daime religion, which is a Brazilian Christian religion based on a strong oral tradition. This study analyzes the process of Ayahuasca's redefinition within this religion between the 1930s and 1960s. The hypothesis is that the redefinition process fits into a larger dialectical process of social construction of meanings which underlies Santo Daime's establishment. This investigation assessed the content of individual memories as well as current folk stories that have been passed on through generations via oral communication. The results indicated that Ayahuasca's redefinition process is a continuous event in the dialectical formation of the religion. In addition, it was noted that the beverage was initially perceived by followers as a drug and gradually gained the meaning of a Christian sacrament. Recently, another meaning for the drink is being formed: as a historical and cultural patrimony of the Brazilian nation.

Keywords: Santo Daime. Ayahuasca. Psychoactive substances. Religion. History.

RESUMEN:

La ayahuasca es una infusión con propiedades psicoactivas, utilizada por la población nativa del Amazonas hace más de mil años. Desde principios del siglo XX, la población no nativa pasó a tener contacto con la bebida y se formaron nuevos contextos de uso de esa infusión, además de nuevos significados para la misma. Entre esos contextos se encuentra el Santo Daime, una religión brasileña, cristiana, de cultura esencialmente oral. El presente artículo analiza el proceso de resignificación de la Ayahuasca en esa religión entre los años 30 y 60. La hipótesis que se plantea es que la resignificación de la ayahuasca en el contexto de la religión se inserta en el proceso dialéctico más amplio de construcción social de significados que fundamenta la constitución de la religión. Como metodología se utilizó el análisis del contenido de las memorias y de las historias orales presentes en la religión. Con este análisis se observó que el proceso de resignificación de la Ayahuasca es un evento continuo insertado en el proceso dialéctico de formación de la religión; que inicialmente la bebida era percibida por los seguidores como una droga y que fue progresivamente adquiriendo el significado de sacramento cristiano. En la actualidad, se destaca la construcción de otro significado para la bebida como un patrimonio histórico y cultural de la nación brasileña.

Palabras clave: Santo Daime. Ayahuasca. Sustancias psicoactivas. Religión. Historia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa como se deu o processo de ressignificação da Ayahuasca no contexto de formação da religião Santo Daime entre as décadas de 1930 e 1960 e aponta como o significado da bebida se apresenta atualmente para seus seguidores. Os resultados aqui apresentados, assim como todos os depoimentos utilizados, fazem parte da pesquisa realizada para elaboração da Tese de Doutorado *Santo Daime: um sacramento vivo, uma religião em formação*, defendida por mim em 2007 no Programa de Pós-graduação em História da

Universidade de Brasília (UnB). A hipótese que se coloca é que a ressignificação da Ayahuasca no contexto da religião se insere no processo dialético mais amplo de construção social de significados, que fundamenta a constituição da religião como um todo.

Tendo em vista o fato de o Santo Daime ser um grupo de cultura essencialmente oral, foi utilizada, como metodologia para compreender a construção do significado atual da bebida, a análise do conteúdo das memórias e das histórias orais presentes na religião. Como os registros orais têm características próprias, diferentes da linguagem escrita, as singularidades presentes nas falas de cada narrador foram mantidas, buscando, assim, fazer com que a recriação textual se aproximasse ao máximo da linguagem oral dos entrevistados. Como lembra o historiador Paul Thompson (1992, p. 137) “a evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira”. O critério primordial da escolha dos narradores foi a sua antiguidade na religião e, especialmente, sua convivência com o fundador da religião, o Sr. Raimundo Irineu Serra, na cidade de Rio Branco.

Dessa maneira, o presente artigo trata de uma análise investigativa pelo viés das comunidades onde esse processo de ressignificação aconteceu. Por meio dessa metodologia, o que se busca é compreender como se deu esse processo de ressignificação a partir do entendimento daqueles que tiveram a oportunidade de vivenciar a constituição da religião.

1 O CONTEXTO DA FLORESTA

1.1 A Ayahuasca

A Ayahuasca é um chá com propriedades psicoativas que tem sido utilizado milenarmente (MCKENNA, 2004) pelas populações nativas da região amazônica brasileira e andina para diferentes finalidades, tais como: diagnóstico e cura de

doenças; adivinhação; caçadas; preparação para guerra; práticas xamânicas e curandeirismo (MACRAE, 1992). Em linhas gerais, a Ayahuasca é obtida por meio da decocção do cipó *Banisteriopsis caapi* e da folha *Psychotria viridis*. Entretanto, outras plantas com propriedades químicas semelhantes são utilizadas na formação da bebida, dependendo da cultura do grupo usuário. Segundo o pesquisador Rafael Guimarães dos Santos (2006):

Ayahuasca é um termo quéchua (ou quíchua), língua falada nos altiplanos andinos (DOBKIN DE RIOS, 1972), cuja etimologia é: *Aya* – persona, alma, espírito, muerto; *Waska* – cuerda, enredadera, parra, liana, que poderia ser entendida, por exemplo, como “trepadeira das almas”. (LUNA, 1986; GOULART, 2005 *apud* SANTOS, 2006, p.19).

Ao longo da região amazônica, a bebida é conhecida por mais de 40 nomes, sendo utilizada por mais de 70 grupos indígenas diferentes, espalhados por diversos países – Brasil, Colômbia, Peru, Venezuela, Bolívia e Equador (LUNA, 1986) –, além de ser também consumida pela população nativa local. Apesar de ser amplamente conhecida na região, foi apenas a partir do final do século XIX e do início do século XX que a bebida começou a ser consumida nos centros urbanos. Tal se deu, especialmente no caso brasileiro, por meio da formação de algumas religiões que passaram a fazer uso ritualizado da Ayahuasca nas cidades de Rio Branco (AC) e Porto Velho (RO), entre as quais destaco o Santo Daime, a mais antiga das religiões que fazem o consumo da Ayahuasca no Brasil, entre as quais figuram a União do Vegetal e a Barquinha.

Nesse processo de expansão, além da Ayahuasca ter sido rebatizada como Daime e Vegetal², a bebida e seu consumo foram ressignificados³, passando, especialmente no caso da religião Santo Daime, a ser considerada por seus adeptos um sacramento eucarístico cristão. Essa ressignificação fica evidente, por exemplo, nas palavras da Sra. Altina Alves Serra, antiga seguidora da religião, que vive na cidade de Rio Branco (AC): “Comunhão pra mim é tomar o Daime, o Santo Daime”.

Mais recentemente, como um reconhecimento da importância cultural do

² No contexto da União do Vegetal, a Ayahuasca também é conhecida como Hoasca, provavelmente uma corruptela do termo quéchua.

³ Compreendo ressignificação como o processo dialético de atribuição de novos significados a um mesmo elemento, o qual acontece mediante esse diálogo contínuo entre as pessoas e os conteúdos que são relevantes para a construção de sua realidade. A atribuição de um novo nome para a Ayahuasca e um novo significado para sua ingestão falam desse amplo processo de ressignificação cultural que se deu ao longo do desenvolvimento da religião e que se insere, por sua R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.7, n.2, p. 316-342, jul/dez. 2010

consumo dessa bebida, também foi iniciado o processo formal de reconhecimento da Ayahuasca como patrimônio histórico e cultural imaterial no Brasil. No Peru, em junho de 2008⁴, a bebida se tornou, oficialmente, um patrimônio cultural dessa nação.

1.2 Breve histórico do Santo Daime e de seu fundador

O Santo Daime é uma religião brasileira cristã que se formou no estado do Acre a partir do início da década de 30. Após a morte de seu fundador, o Sr. Raimundo Irineu Serra, surgiram várias lideranças e centros que praticam a doutrina instituída por ele. A vertente mais difundida dessa religião no sul do Brasil e no exterior, a Igreja do Culto Eclético da Fluente Luz Universal – Patrono Sebastião Mota de Melo (ICEFLU), conta com aproximadamente 5 mil associados, distribuídos em mais de 40 centros e comunidades espalhados por diversos estados brasileiros e por mais de 20 países do mundo, entre os quais destacam-se: Estados Unidos, Espanha, Holanda, Itália, Alemanha, França, Inglaterra, Argentina, Chile e Japão.

O fundador do Santo Daime, conhecido como Mestre Irineu pelos seus seguidores, nasceu no Maranhão, no final do século XIX, e mudou-se para o Acre, seguindo o fluxo migratório fomentado pela extração em larga escala do látex na região amazônica. O período foi marcado por um grande *boom* da produção gumífera, que atraiu trabalhadores de diversas regiões do país, em especial do nordeste, em busca de melhores condições de vida. No entanto, o que os seringueiros encontraram na Amazônia, em sua grande maioria, não foi a possibilidade de enriquecimento fácil, mas sim uma vida difícil determinada pelo clima, pela densa vegetação, pela cultura de uma região habitada quase que exclusivamente por índios e, principalmente, pelas injustas relações de trabalho existentes nos seringais, onde o lucro da extração da borracha ficava, em sua quase totalidade, com os seringalistas.

vez, na dinâmica cultural e histórica mais ampla de seu tempo.

⁴ Fonte: <http://www.juruaonline.com.br/index.php?/20091202664/Peru-declara-a-Ayahuasca-patrim%C3%B4nio-cultural-nacional>

Dessa maneira, distante dos centros urbanos, enfrentando dificuldades econômicas e toda sorte de enfermidades, os seringueiros buscaram, no conhecimento indígena da floresta, os recursos necessários para a sua sobrevivência, entre os quais a utilização terapêutica das plantas da região, com destaque para o uso da Ayahuasca. Nesse contexto, entraram em contato com uma expressão cultural e religiosa muito rica e uma cosmologia bastante particular. Tal interação contribuiu para um amplo diálogo cultural na região, o qual, por sua vez, fomentou uma série de transformações, inclusive a ressignificação da experiência com a Ayahuasca.

Foi nesse contexto, trabalhando como seringueiro e membro da Comissão de Demarcação de Limites do então território do Acre, que o Mestre Irineu teve contato pela primeira vez com a Ayahuasca. Ao bebê-la, por volta de 1912/14, o Mestre Irineu teve revelações psíquicas e espirituais que o levaram, nos anos seguintes, a constituir uma nova forma de trabalho com essa bebida milenar. Sob sua direção, entre as décadas de 30 e 60, na cidade de Rio Branco (AC), deu-se o processo principal de formação da religião Santo Daime e do significado atual de sua bebida sacramental. Nesse período a bebida foi rebatizada, uma nova técnica para o seu preparo foi desenvolvida, os principais rituais e símbolos da religião foram constituídos e estruturaram-se seus fundamentos doutrinários.

Apesar de a Ayahuasca ter sido rebatizada pelo Mestre Irineu na década de 30, o processo de constituição do significado atual da bebida acompanhou a formação da religião, envolvendo complexa e ampla articulação de representações sociais constituídas ao longo da história e que ainda hoje continuam se reconstruindo.

1.3 O universo simbólico do bem e do mal

De acordo com o antropólogo Christian Frenopoulo (2005), que estudou as transformações na experiência subjetiva com a Ayahuasca no xamanismo amazônico, o consumo da Ayahuasca nesse contexto está voltado, em grande parte, para o restabelecimento de laços sociais harmoniosos. A Ayahuasca é usada pelos

xamãs por ser uma bebida que em si mesma possui poderes curativos e por proporcionar, pelo relato das visões induzidas por ela, elementos narrativos que possibilitam ao xamã estabelecer um diálogo com o seu paciente, compreendendo as causas de suas doenças, que são muitas vezes atribuídas a desentendimentos e disfunções sociais (FRENOPOULO, 2005).

No entanto, segundo esse autor, com o desenvolvimento do Santo Daime e de outras religiões cristãs que consomem a Ayahuasca, houve mudança no significado do consumo da bebida, que passou a ser progressivamente sacralizada e utilizada como veículo de exploração psíquica individual, em um contexto imbuído de uma ética fundamentalmente cristã. Nesse contexto religioso, que se formou a partir da religião Santo Daime, as causas das doenças passaram, por exemplo, a ser percebidas como fruto das vivências de cada pessoa, de sua experiência psicológica, de sua história de vida, e o consumo da Ayahuasca passou a ser percebido pelos usuários como caminho de aprimoramento moral e espiritual.

De acordo com Frenopoulo (2005), essa mudança na dinâmica moral na utilização da bebida decorreu da influência do pensamento esotérico, cristão e espírita presentes na constituição do Santo Daime e de outras religiões que surgiram a partir desta. No Santo Daime, é possível perceber essas influências culturais em algumas práticas que, especialmente em seus momentos iniciais, foram incorporadas à religião.

No que concerne ao pensamento esotérico, por exemplo, desde o início a ingestão da bebida foi utilizada com o intuito de se proceder à concentração mental, uma prática comum e afeita à normativa do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, organização dedicada ao estudo do esoterismo, fundada em 1909, em São Paulo. Nas primeiras décadas do século XX, o Círculo Esotérico foi uma organização com destaque no cenário nacional – marcou presença em inúmeros estados brasileiros, inclusive no Acre, divulgando o pensamento ocultista por meio de diversas publicações e incluindo entre seus participantes vários daimistas.

Já com relação às influências do pensamento espírita, elas podem ser percebidas, por exemplo, na inclusão de preces espíritas ao repertório de orações da religião, como a “Prece de Cáritas”, bem como pela presença de conceitos como reencarnação, carma e doutrinação, que também fazem parte da doutrina espírita kardecista.

Por sua vez, no que diz respeito à influência do pensamento cristão, talvez a mais evidente e disseminada na religião, ela se manifesta sob diferentes aspectos. Destaco inicialmente a presença do Cruzeiro⁵ no centro da mesa ritual, o conteúdo cristão dos hinos entoados nos rituais, as datas em que ocorrem os trabalhos espirituais – que coincidem com algumas festas religiosas cristãs – e as preces feitas na abertura e no encerramento dos rituais – o terço, o Pai Nosso, a Ave Maria, o Salve Rainha.

Assim, na compreensão de Frenopoulo (2005), a partir do Santo Daime e de outras “religiões ayahuasqueiras”, o consumo da Ayahuasca passou a ser um exercício religioso por si só, o que foi determinante no processo de ressignificação da bebida.

No entanto, tendo em vista o fato de o Santo Daime tratar-se de uma religião de cultura essencialmente oral, o processo de construção social de sentidos na religião passa por um diálogo dos adeptos com as narrativas orais transmitidas entre gerações dos seus seguidores. Defendo que, ao longo da história da religião, esse diálogo com as narrativas orais fundamentou em grande parte a ressignificação da Ayahuasca e a construção do significado atual da bebida.

Dentro do conjunto das narrativas orais que circulam entre os adeptos do Santo Daime, destaco as lembranças dos seguidores mais antigos, que falam sobre a história da religião e os hinos entoados durante os rituais.

As memórias dos seguidores mais antigos cumprem papel fundamental na construção do *nomos* da religião. As histórias, contadas e recontadas continuamente pelos mais velhos, tanto falam dos momentos iniciais do Santo Daime como explicam e reforçam seus fundamentos doutrinários. Em tal contexto, comum a outras sociedades onde predomina a oralidade, as lembranças do passado, ainda vivas na memória dos mais velhos, constituem uma das fontes mais importantes de conhecimento da religião.

Ao ser repetidas pelos adeptos, essas histórias, especialmente aquelas que versam sobre os momentos iniciais da religião, vão adquirindo grande importância para os seguidores, tornando-se “histórias exemplares”, ou seja, narrativas que

⁵ Cruzeiro é o nome pelo qual o símbolo da Cruz de Caravaca é conhecido entre os daimistas. A Cruz de Caravaca é uma cruz de dois braços, cuja aparição, segundo consta, foi milagrosa, deu-se na cidade de Caravaca, na Espanha, no ano de 1232. De acordo com os relatos que recolhi ao longo da pesquisa de campo, para os daimistas, o segundo braço dessa cruz representa, R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.7, n.2, p. 316-342, jul/dez. 2010

oferecem exemplos, fornecem os substratos cultural, moral e ético, necessários à manutenção da religião. Ademais, essas histórias repassam para os seguidores a ideia de um fundamento cristão e sagrado para a religião e um significado igualmente cristão para suas práticas e sua bebida sacramental. Ao repassar essa ideia de fundação sagrada e cristã, essas narrativas orais fundamentam a compreensão da religião e da bebida como divinas e, nesse sentido, dão uma resposta, oferecem uma “solução narrativa” para essas questões.

Dessa maneira, essas histórias também podem ser consideradas mitos fundadores⁶ da religião, no sentido proposto por Chauí (2000, p. 5), impondo um vínculo com o passado como origem e solucionando narrativamente tensões e paradoxos presentes na construção social da religião.

Segundo as narrativas orais que compõem esse núcleo de mitos fundadores, o consumo da Ayahuasca anterior às primeiras experiências do Mestre Irineu na década de 1910 é percebido como ligado a atividades curandeiras e indígenas, a atividades sociais e a práticas não cristãs (OLIVEIRA, 2007 p. 71)⁷. Isso pode ser percebido na descrição do contexto onde o fundador tomou a Ayahuasca pela primeira vez: um contexto não cristão onde a Ayahuasca era usada para “chamar o demônio”. No entanto, segundo as narrativas orais daimistas, a experiência visionária do Mestre Irineu com a bebida se distinguiu desse contexto não cristão, posto que suas visões mostraram cruzeiros, símbolo cristão que, na compreensão dos narradores, o motivou a investigar a existência de outros significados para a bebida. O relato do Sr. Luiz Mendes Nascimento, a mim concedido em entrevista realizada

genericamente, a volta de Cristo.

⁶ Considero que o conceito de mito fundador se faz pertinente para descrever essas narrativas pelo fato de que, dentro da compreensão de religião como uma construção social em formação (BERGER, 2004), não é possível determinar a existência precisa do momento de sua fundação.

⁷ Gostaria de salientar que fundamento minha análise da compreensão do contexto nativo da Ayahuasca anterior ao Santo Daime a partir do conteúdo dos mitos fundadores, por considerar que eles alicerçam, em grande parte, a construção dos significados na religião. No entanto, também analiso algumas narrativas de antigos seguidores da religião que habitam em Rio Branco e que acompanharam o Sr. Irineu, porque foi durante o período em que o fundador esteve à frente da religião que a bebida foi rebatizada e se deu a parte mais importante de sua resignificação. No entanto, durante a pesquisa de campo ainda encontrei, especialmente entre seguidores mais jovens, a compreensão desse cenário nativo como um universo idílico, onde o consumo da Ayahuasca pelos indígenas e mestiços é percebido como sagrado, puro, ideal. Imagens que revelam uma concepção romântica dos indígenas como bons selvagens. Entretanto, considero que essa interpretação atual seja fruto do processo de resignificação em curso na religião, especialmente a partir da expansão do Santo Daime para os centros urbanos do sul do Brasil e exterior, bem como da consequente influência de diferentes matrizes culturais.

em maio de 2007, na cidade de Rio Branco, narra como teria sido essa primeira experiência do fundador com a Ayahuasca e revela o significado para os seguidores das práticas com a bebida, anteriores à religião.

Ele contou que a primeira vez (que bebeu Ayahuasca) foi com o os caboclos peruanos. Já constava a existência de trabalho (com a Ayahuasca) pra lá (...).

Aí um dia eles conversando... O Antônio Costa definiu pra ele, informou da existência dessa bebida, desse trabalho, que ele mesmo ainda não tinha experimentado. Só sabia que existia. Aí foi quando ele disse: Rapaz, eles tomam essa bebida assim... é pra invocar lá uma parte satânica, pra ajudar nisso e naquilo, fazer aqueles pactos, aquelas coisas todas..." Ele (Mestre Irineu) disse: "É pra isso? É pra isso (respondeu o Sr. Antônio).

Aí o Mestre Irineu botou aquilo na cabeça e começou a pensar que até ali ele tinha lutado tanto com Deus, mas Deus ainda não tinha dado pra ele assim um apogeu melhor. "Poxa vida... A vida era muito sacrificada" (com aqueles lamentos). "Quem sabe que esse outro lado não vai ser uma oportunidade pra mim? Então eu vou pedir para o Antônio Costa me levar lá". (...)

Aí no dia tal eles foram. Aí consta que eles tomaram lá a beberagem. Foram bem recebidos. E, nessa aí, o Mestre Irineu já saiu bem impressionado porque o que ele foi procurar não encontrou. Encontrou, sim, foi o contrário. Porque, realmente, quando o trabalho iniciou, a certa altura lá do efeito da bebida, eles botaram, o pessoal lá, a boca do mundo. Era só mesmo por quem eles chamavam (o sataná). Aí o Mestre Irineu, que foi quem criou um provérbio que diz: "em terra de sapo de cócoras com eles"... aí ele disse: "Eu vou também acompanhar esse povo". Aí botou o bocão no mundo chamando o satã. Só que pra ele não dava nada. O que dava era cruz, cruz e cruz e mais cruz. E a cada vez mais cruz. Mais e mais. Lá numa altura ele já tava era sufocado com tanta cruz. Aí foi quando ele se apercebeu: "Olha o diabo corre com medo de cruz. Como é que cada vez que eu chamo ele, aparece mais cruz? Não. Isso aqui tá meio trocado". (entrevista, maio/2007, Rio Branco – AC)

Ao longo da bibliografia científica que pesquisei sobre a Ayahuasca, encontrei vários usos da bebida, entre eles inclusive algumas referências que falam sobre práticas de feitiçaria realizadas com ela. A antropóloga Marlene Dobkin de Rios (1972, p. 93-96), por exemplo, estudou a utilização da Ayahuasca na Amazônia peruana e mostra que, nesse contexto, apesar de a bebida ser largamente utilizada para a cura, muitas pessoas, conhecidas como *brujos* ou feiticieiros, utilizam-na para fazer o mal a terceiros. Pessoas com problemas afetivos, familiares ou financeiros, imbuídas de sentimentos variados como raiva, vingança, inveja, etc., procuram esses conhecedores da Ayahuasca com o intuito de provocar danos a outras pessoas, por meio dos conhecimentos desses *brujos*. De acordo com De Rios (1972, p. 73-74), de modo geral, os feiticieiros usam técnicas semelhantes às empregadas pelos curandeiros que trabalham com a Ayahuasca, tais como: sucção de elementos do corpo etéreo e físico de uma pessoa, entoação de cânticos e assobios e aspersão da fumaça de tabaco. No entanto, por meio dessas técnicas e

R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.7, n.2, p. 316-342, jul/dez. 2010

outros instrumentos mágicos específicos, acredita-se que esses feiticeiros sejam capazes de inserir objetos nocivos no corpo das pessoas, assim como causar enfermidades. São bastante conhecidos, por exemplo, os “virotos” – setas espirituais que esses feiticeiros têm a capacidade de enviar para fazer o mal a terceiros.

Por sua vez, ao estudar a tradição do vegetalismo⁸ na Amazônia peruana, Luis Eduardo Luna (1986) observou que os limites entre “fazer o bem” e “fazer o mal” são tênues para os vegetalistas conhecedores da Ayahuasca, constituindo-se tanto parte do seu conhecimento sobre as substâncias psicoativas como aprendizado moral e ético dessas pessoas. “Fazer bem” ou “fazer mal” trata-se de decisão pessoal tomada ao longo do aprendizado e do trabalho com essas plantas.

Assim, é possível perceber que os universos simbólicos do bem e do mal encontram-se intimamente entrelaçados nas práticas do vegetalismo e do curandeirismo amazônico. Tal fato revela que o contexto do consumo da Ayahuasca na região amazônica se insere numa dinâmica social, cultural e histórica bastante complexa, que aponta, inclusive, para a necessidade de se compreenderem os conceitos de “bem” e “mal”, presentes nessas práticas, pela visão daqueles que participam desse universo. Ou seja, perceber essas práticas dentro da teia de significados da cultura, nos termos propostos por Geertz (1989, p. 105), buscando compreender os significados compartilhados, numa abordagem interpretativa, historicamente determinada. Também, os dados levantados por Luna corroboram a ideia de que conceitos como bem e mal, sagrado e profano, são construções históricas e sociais que adquirem diferentes significados em diferentes culturas e momentos históricos.

Para Geertz (1989, p. 105), um símbolo pode ser definido como “qualquer objeto, ato ou acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção”, sendo essa concepção o significado do símbolo. Nesse sentido, os símbolos podem ser percebidos como formulações tangíveis de noções, de abstrações, atitudes, julgamentos, crenças... as quais são fixas numa forma perceptível, considerada elemento simbólico. Então, quando as narrativas daimistas falam do aparecimento de cruzes nas visões do Mestre Irineu – um símbolo cristão –

⁸ Trata-se da tradição de se utilizar plantas psicoativas associadas a práticas curativas e xamânicas que acontece ao longo da região amazônica, em especial na região do Peru (LUNA, 1986, p. 117,118).

constrói-se a ideia de que ele viu algo novo na bebida em relação ao contexto nativo e que a partir dele pode, então, surgir um contexto cristão de utilização da Ayahuasca, fato que se concretizaria, mais tarde, a partir da década de 30, com a instituição dos rituais da religião do Santo Daime. Assim, a narrativa analisada fala de um momento importante no processo de ressignificação da Ayahuasca, que passa a ser percebida como associada ao universo simbólico cristão, contribuindo, dessa maneira, para a sua sacralização atual.

2 A RESSIGNIFICAÇÃO CRISTÃ

2.1 Mestre Irineu e a Virgem Maria

Segundo os relatos dos seguidores do Santo Daime, depois de ter experimentado a Ayahuasca no contexto nativo, o Mestre Irineu iniciou processo de aprendizado próprio com a bebida. Nesse momento, as narrativas descrevem alguns contatos que ele teve com uma entidade espiritual identificada inicialmente como Clara, que será, ao longo de seus encontros com ela, reconhecida por ele como sendo a Rainha da Floresta e também a Virgem Maria da Conceição Imaculada.

A narrativa a seguir também é do Sr. Luiz Mendes Nascimento e também foi coletada em entrevista a mim concedida em maio de 2007, na cidade de Rio Branco. A fala do Sr. Luiz Mendes descreve as experiências vividas pelo Sr. Antônio Costa e o Mestre Irineu desde o preparo da Ayahuasca até o primeiro contato com Clara.

Aí o Antônio Costa foi e deixou ele mais entusiasmado...

Ele (Mestre Irineu) perguntou:

- Rapaz, tu conhece esse material que eles utilizam (pra fazer a Ayahuasca)?

Aí ele (Sr. Antônio) disse:

- Conheço. E por aqui tem é muito.

- E é rapaz? Me mostra.

Antônio Costa foi mostrar o Jagube (cipó) e a Rainha (folha). Aí o Mestre Irineu um dia, pôs na cabeça, aí perguntou:

- E como é que eles fazem?

- Eles batem. Informou. Cozinham e etc. e tal... Um chá, é isso aí.

Aí foi quando o Mestre Irineu preparou um pouco daquele material indicado.

Fez como Antônio Costa pediu, fez lá um pouco. Mas o Antônio Costa viajou

porque ele trabalhava no comércio como regatão, dentro daqueles seringais, naquelas colocações que margeavam o rio. Aí na hora dele beber ele temeu, achando que tava sozinho. Ele não sabia como reagiria e aí temeu:

– Eu vou esperar o companheiro voltar. Quando ele chegar aí eu vou convidar ele. De dois é melhor.

Quando o Antônio Costa retornou, ele foi e contou a história e disse:

– Ói, tá aí. Eu tava te esperando pra nós tomar.

Aí o Antônio Costa quis refugar:

‘ - Rapaz você não conhece e eu também não. E depois se isso aí der um negócio aí, o contrário... Como é que nós vamos se arrumar?

Aí o Mestre Irineu foi e disse assim pra ele, que era quando era fácil de ele pegar o Antônio Costa.

– Rapaz eu tava pensando que tu ia tomar mais eu, tu não vai tomar não? Então tu não é homem não rapaz (risos)... (Era quando mexia aí nessa tecla).

Ele (Mestre Irineu) disse:

–Você é homem?

Ele disse:

– Sou, e vamos tomar.

Aí eles tomaram. O Antônio Costa foi quem teve a primeira visão com a Rainha. Ela identificou-se. Ele anunciou pro Mestre assim que tinha uma senhora ali, dizendo que tinha sido a companheira do Mestre desde que ele saiu do Maranhão.

– E ela tá aqui conversando comigo (falou o Sr. Antônio).

Aí ele (Mestre Irineu) disse:

– Pergunta como é o nome dela?

– Irineu, ela tá dizendo que o nome dela é Clara.

Aí foi que o Mestre se enrolou mais, porque além de no navio, no transporte que pegava de lá pra cá, não vinha mulher, só vinha homem... E essa Clara?

– Bom, ela tá dizendo que tu te prepares que dia tal ela vem. A gente toma Daime que ela vem. Aí vai se apresentar a ti mesmo.

Ficou acertado assim, e ele já ficou ansiando pra chegar o dia. Até que chegou o dia marcado. Ele tomou. Foi quando ela realmente apareceu pra ele, tendo como o seu trono a lua. Ela veio pousada dentro da lua. Aí ele pasmou. Ele nunca tinha visto e nem imaginava de estar ali diante de tanta formosura. Porque ela era tão visível que ele definia nela tudo. Toda a beleza, as pestanas, as sobrancelhas... Uma divindade. Foi quando ela falou pra ele, se identificou como mãe, disse:

– Eu sou a tua mãe. A Clara justamente. Você tá aqui na presença dela, tua mãe, a Virgem da Conceição. Ou tu acha que tu tá enganado? Tu tá me vendo aqui como Satanás é?

– Ave Maria, minha mãe. Nunca, nunca. Não tem lógica. Jamais.

– Mas tu imagina o que de mim? Eu sou uma feiticeira?

– Ave Maria minha mãe, jamais.

– Então é tu mesmo que vai dizer, quem é que tu acha que eu possa ser.

Aí ele disse que só acertou dizer pra ela:

– A senhora pra mim é uma Deusa Universal.

Juntou todo o quadro... não dava outra coisa, a não ser uma Deusa Universal. Foi quando ela disse:

– Mas tu acha que o que tu tá vendo alguém já viu?

Aí ele embarçou... Até porque ele era um iniciante e essa bebida já vinha... E ele achou que ele tava vendo era o resto daquilo que os outros deixaram de ver. Ela disse:

– É teu engano. Porque o que tu tá vendo aqui ninguém nunca viu. Daquela forma, ninguém nunca viu. Só tu. Portanto, eu quero firmar um compromisso contigo e mais adiante um pedido tu me pedes. Aí eu tô pronta para atender. (entrevista, maio/2007, Rio Branco – AC)

Assim, de acordo com a narrativa apresentada, o contato de Clara com o Mestre Irineu só tem início quando ele próprio prepara a bebida. Considero esse fato importante porque há uma compreensão entre os daimistas que o efeito do Daime depende dos cuidados envolvidos na sua confecção. Como me relatou a Sra. Adália de Castro Granjeiro, antiga seguidora da religião, a qualidade do Daime “depende do preparo de quem prepara”⁹. Dessa maneira, a preparação da bebida por ele apresenta-se na leitura dos adeptos da religião, mesmo que não explicitamente, como uma condição para acontecer o encontro de Clara com o Mestre Irineu.

2.2 O poder de curar

Em seguida, as narrativas difundidas entre os membros mais antigos da religião relatam que o Mestre Irineu teve outras revelações espirituais cristãs. Segundo elas, após um período de oito dias de jejum e provações iniciáticas na floresta, em que Mestre Irineu teria se alimentado apenas de macaxeira e bebido Ayahuasca, a Virgem Maria teria atendido a um pedido feito por ele: de torná-lo um dos maiores curadores do mundo e de investir a bebida com amplos poderes de cura. As palavras do Sr. Luiz Mendes, presentes na Revista do Primeiro Centenário do Mestre Imperador Raimundo Irineu Serra, descrevem as experiências do fundador após seu período de reclusão na floresta¹⁰:

Após cumprida a dieta, Ela chegou pra ele, clara com a luz do dia. Ela disse que estava pronta para atendê-lo no que ele pedisse. Pediu que Ela lhe fizesse um dos melhores curadores do mundo. Ela respondeu que ele não poderia ganhar dinheiro com aquilo.

– Minha Mãe, eu não quero ganhar dinheiro.

– Muito bem! Mas você vai ter muito trabalho. Muito trabalho!

Ele pediu que Ela associasse tudo que tivesse a ver com a cura, nessa bebida.

– Não é assim que tu está pedindo? Pois já está feito. E tudo está em tuas mãos. (Revista do Primeiro Centenário do Mestre Imperador Raimundo

⁹ Entrevista, maio/2007, Rio Branco – AC.

¹⁰ In: Revista do Primeiro Centenário, 1992, p. 14–15.

R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.7, n.2, p. 316-342, jul/dez. 2010

Irineu Serra, 1992, p. 14-15)

Então, depois de cumprida a dieta e findas as provações iniciáticas, a Virgem Maria dispõe-se a atender ao pedido do Mestre Irineu, concedendo-lhe as dádivas a que ele faz jus pelo seu sacrifício. Por sua vez, Irineu recebe, nos termos propostos por Couto (1989, p. 50) o seu *status* de iniciado na linha de conhecimentos da Ayahuasca, tornando-se um curador.

Tendo em vista, porém, o fato de o Mestre Irineu pedir a Clara que associe à bebida “tudo que tivesse a ver com a cura”, ele também recebe, simbolicamente, uma “nova” bebida, imantada pelas bênçãos da Virgem da Conceição. Assim, compreendo que essa narrativa contribui para a legitimação do Mestre Irineu como curador e da bebida como remédio bendito para todas as doenças. Ademais, trata-se também de um relato que consolida a transformação simbólica da Ayahuasca em Daime, associando definitivamente a bebida ao universo da cura, do divino, do cristão. Assim, o conteúdo dessa narrativa oferece para os seguidores elementos discursivos que constroem a ideia de uma origem divina e cristã para as propriedades curativas do Daime.

Para os adeptos, a relação do Mestre Irineu com a Virgem Maria continuou durante toda a sua vida. Os rituais e os símbolos instituídos pelo fundador entre as décadas de 30 e 60 são percebidos como frutos de orientações recebidas por ele da própria Virgem Maria. As palavras do Sr. João Rodrigues Facundes, em entrevista a mim concedida em maio de 2007, na cidade de Rio Branco, expressam a compreensão desse antigo seguidor da religião, e atual dirigente do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal, sobre o significado da relação entre o Mestre Irineu e a Virgem Maria.

Ah pra mim (esse encontro entre o Mestre Irineu e a Virgem Maria) é, foi tudo da Doutrina. Daí foi que surgiu. Porque ele sempre trabalhou nas ordens dela. Ele nunca fez coisa da cabeça dele. Então pra mim foi o máximo que pode acontecer dentro da caminhada dele. Foi esse encontro, o primeiro encontro dele. Aí expandiu tudo. E hoje tá por aqui, a gente conversando em razão desse primeiro encontro. (entrevista, maio/2007, Rio Branco – AC)

Os daimistas que acompanharam a trajetória do Mestre Irineu relatam diversas curas que aconteceram sob o efeito da bebida durante os trabalhos

R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.7, n.2, p. 316-342, jul/dez. 2010

espirituais conduzidos pelo fundador. Também são comuns relatos que mencionam instruções, “receitas de remédios” que teriam sido intuídas pelo fundador em benefício dos doentes, ao longo de trabalhos de cura por ele realizados com o Daime. O relato a seguir a mim oferecido em maio de 2003, na cidade de Rio Branco (AC), pela Sra. Percília Matos, uma das primeiras seguidoras da religião, fala desses remédios e dos procedimentos de cura aos quais se submetiam os doentes que procuraram o auxílio do Mestre Irineu.

Outro lá saiu desenganado dos médicos. Chama-se João Vicêncio. (...) Era muito novo. Adoeceu, adoeceu, não tinha jeito! Foi parar no Hospital. (...) Até que os médicos desenganaram. Disse que ele tava com uma pedra na uretra, não tinha jeito! Aí... antes dele sair de lá, alguém cochichou no ouvido dele: ‘Vai pro Mestre Irineu que tu fica bom rapaz!’ (...) Ele foi direto. Chegou lá. A mesma coisa ele (Mestre Irineu) disse: O médico desenganou, mas Deus não desenganou! Vamos vê! Vamos apelar pra Deus! A mesma coisa: três quarta-feira.

Isabela: E como era esse trabalho da quarta-feira?

Sra. Percília: Concentração. Concentração cerrada! Todo mundo trabalhando... Aí o Mestre mesmo recebia a receita que fosse preciso... Muitas doenças o próprio Daime curava e cura ainda! E outras o próprio Daime mostra o que é pra tomar! Pra o João Vicêncio, o que foi saído pra ele... É muito interessante... Pra tirar a pedra da uretra dele, mandava que a gente juntasse esses ossos de corredor de boi, você sabe que é? Aqueles ossos caros de tutano. (...) Ajustar aqueles ossos que tivesse bem velho (...) pra cozinhar, bem cozido, pra ele tomar aquela água para dar líquido, e retirar aquele (líquido)... Já pensou?

E lá se foi. E botou foi gente, em casas e mais casas procurando aqueles ossos que já tava diluído mesmo, se derretendo assim.... Aquele baciado de osso assim. E lavar aqueles ossos... E nove água cada qual mais bem lavado, que tava no monturo! Tem que ser... Depois pegar e deixar secar, secar e deixar ficar (cozinhando até chegar) num litro d’água. Coa bem coadinho, bem purificado pra ele ir tomando. (...) Aí botou a fé e ainda mostrou pra todo mundo que ficou bom. Foi trabalhar, casou-se com a dita noiva que ele já tinha! Construiu família. Anos e anos, já tinha duas filhinhas assim como essa que saiu agora pra aula (8 anos), e outra menor. (...) Aí adoeceu lá com uma febre doida. Adoeceu e morreu! Mas não dessa doença que o médico desenganou! Tudo isso nós passamos e outras e outras. (entrevista, maio/2003, Rio Branco – AC)

Já outro relato dessa mesma senhora, concedido na mesma entrevista que fiz com ela, fala da cura alcançada por um doente durante os trabalhos espirituais conduzidos pelo Mestre Irineu. Trata-se da narrativa que descreve a cura do Sr. Roldão. As palavras da Sra. Percília revelam, por sua vez, o tipo de atendimento prestado pelo Mestre Irineu, confirmando sua fama de curador, inclusive fora do Acre, assim como revelam um pouco do universo sociocultural vivido pelos daimistas durante as décadas de 30 a 60 e sua concepção de doença e cura:

Um tempo que chegou um rapaz lá na casa dele, chegou de... Você

conhece um lugar aí que chama Manicoré, já ouviu falar? É aqui perto de Manaus! Manicoré é o lugar! Esse rapaz veio de lá! Um chamava-se Roldão e o outro Benedito. Eram dois irmãos. Então este Roldão. Era o Roldão que vinha doente. (...) Eles lá disseram que tinha um seringalzinho. Tinham gasto tudo quanto tinham. Até que os médicos desenganaram ele. (...) Lá ele soube desse homem aqui (Mestre Irineu), que tinha esse trabalho de fazer essas curas impossíveis. Que médico desenganava, ele que curava! Quando ele soube disse: Vou lá! O irmão que tava bom trouxe este que tava doente.

Chegou na casa dele (Mestre Irineu) pedindo pelo amor de Deus que cuidasse do irmão dele que tava naquela situação. E falou tanta lástima... que quanta coisa que ele já tinha passado de sofrimento mais ou menos no mundo... e gastando tudo quanto tinha... e não tinha médico que descobrisse a doença do homem! (...)

E disse (Mestre Irineu): É, o médico desenganou, mas Deus não desenganou não é?

Ele disse (o doente): Não senhor!

Pois então vamos ver o que se faz! (disse o Mestre Irineu)

Aí este homem era de um jeito que o pobre não podia tomar uma gota de água. Tudo, por lento que fossem (dando)... Não sustentava nada no estômago! Tinha que se acabar mesmo! Tava só um caquinho!

Aí ele chegou lá assim, num sei se foi segunda ou terça... Foi assim logo no comecinho da semana. Começaram com a cura dele: três quartas-feira. Quarta-feira foi o primeiro dia! Deu Daime pra ele, resistiu bem. Quando terminou... (Mestre Irineu) Mandou dar um chazinho. “Mas dê de gota em gota, bem de lento que é pra ir sustentando... Uma xicrinha de chá pra ele”. Sustentou! “Faça um caldo de caridade! Bem fininho!” Fizeram o caldo. “Mas não dê colher cheia. Dê de pingo em pingo, de gota em gota”. Assim se fez. Foi indo, foi indo... até que o estômago sustentou. E aí fizeram... aumentando devagarinho, devagarinho, devagarinho... Quando foi na outra semana (...) na segunda cura que ele fez, aí ele já comia pirão, arroz, comidinha de leve, coisa não muito pesada, mas já ia comendo. Disse que não comia nada!

Isabela teu nome né?! Minha filha, no terceiro dia dessa cura (...) chegou lá pela metade da concentração, o homem meteu os pés, pulou da rede onde ele tava sentado, pulou e lá se vai... e vomitou... Saiu um troço de dentro dele, era uma coisa muito grande, uma coisa que ele não sabe o que é! E o irmão dele foi lá com uma lanterna olha! Uma caranguejeira! Só acredita quem é acostumado. Sabe que dentro do Daime tem prodígio! Uma caranguejeira. A bicha ainda tava viva! (...) Como é que a porcaria é uma coisa muito mal feita mesmo! Uma caranguejeira no estômago! Por isso que nada sustentava mesmo! E os médicos não enxergavam isso! Não descobriram...

(Mestre Irineu) Chamou umas pessoas de confiança lá com uma enxada, mandou enterrar aquela porcaria. (...) (O Sr. Roldão) Passou ainda umas duas semanas só se alimentando alegre satisfeito. Já tava outra pessoa... Agradeceram tanto! E perguntaram quanto é que custava o trabalho dele (do Mestre Irineu)! Disse (o Mestre Irineu): Eu não quero um tostão! (...) Que quando ele começou a trabalhar, a mãe divina disse que ele tinha que ser o maior curador do mundo. Só tinha uma coisa: ele nunca cobrasse um tostão por nenhuma cura que ele fizesse. Senão ele tinha que pedir força ao dinheiro, não a Deus! E então ele tem que pedir força a Deus e não no dinheiro! E ele não cobrava mesmo! Aí minha filha... (...) era presentes e mais presentes coisas valiosas. Ele não recebia o dinheiro, mas os presentes ele recebia. Não davam de bom coração? Ele recebia, né! (entrevista, maio/2003, Rio Branco – AC)

Assim, por meio dos dois relatos oferecidos pela Sra. Percília Matos, é

possível perceber que, de modo geral, o Mestre Irineu atendia os doentes por meio de trabalhos de cura com Daime, realizados em três quartas-feiras consecutivas, onde a bebida era tomada e, em seguida, acontecia um período de silêncio, de concentração mental em benefício do doente. Nesse momento o fundador tanto recebia orientações acerca de um tratamento complementar ou a cura era alcançada pelo próprio doente, por meio do Daime. Também é possível perceber, pelo relato dessa senhora, que o atendimento prestado aos doentes muitas vezes envolvia a irmandade daimista no acolhimento do doente e de seus familiares, assim como os remédios e as curas alcançadas eram bastante variados.

2.3 Os hinos

Além das memórias dos seguidores mais antigos, os hinos entoados durante os rituais também contribuem ativamente para a construção dos sentidos compartilhados pelos daimistas.

Os hinos são canções que os daimistas consideram “recebidas” da realidade espiritual por adeptos que possuem sensibilidade especial para intuí-las. Além de percebidas como mensagens espirituais, existe ainda a compreensão de que os hinos tenham existência própria na realidade espiritual, anterior à sua recepção. A narrativa do Sr. Mário Rogério da Rocha, que acompanhou os trabalhos da religião entre as décadas de 70 e 80 – o que consta do livro do Sr. Alex Polari de Averga (1992, p. 110,111), fala da compreensão comum entre os daimistas sobre a pré-existência dos hinos no plano astral¹¹.

Já teve uma miração em que eu fui lá em cima na casinha do Astral, onde se guarda os hinos, tá sabendo? Tem várias gavetinhas, cada uma com uma luzinha. E uns seres muito lindos, que tomam conta de tudo. Todos os hinos da Doutrina estão lá, os que ainda vamos receber também, tá? Captar esses hinos é um momento muito especial do seu trabalho, quando se estabelece um diálogo íntimo com a força Divina, tal como Moisés diante da Sarça ardente. Quanto mais o aparelho receptor for puro e limpo, o cristal do seu espelho refletirá as vibrações e as mensagens mais elevadas. (ALVERGA, 1992, p. 110-111)

Pelo que foi exposto, é possível perceber que os hinos são narrativas orais

¹¹ Astral é o nome pelo qual os daimistas se referem à realidade espiritual.
R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.7, n.2, p. 316-342, jul/dez. 2010

investidas de poder e legitimadas pela compreensão compartilhada entre os adeptos de que representam uma palavra divina, sagrada, eterna. Assim, o conteúdo dos hinos é um dos elementos fundamentais na construção dos significados na religião Santo Daime. Tendo em vista que nas práticas daimistas as palestras e as leituras são apenas eventuais, a mensagem contida nos hinos representa também a “palavra-ensinadora”, o *corpus* semântico que orienta a experiência visionária com a Ayahuasca ao longo dos rituais da religião.

Apesar de os daimistas considerarem que os hinos mais importantes da religião são os que foram recebidos pelo fundador, pelos discípulos que o acompanharam em seu tempo e pelos líderes atuais das igrejas, novos hinos surgem continuamente na religião, acrescentando novas mensagens, novos significados a esse conjunto original. Partindo-se da compreensão de religião como fenômeno histórico e social em contínua formação (BERGER, 2004), é possível perceber os hinos estabelecerem uma teia de significados sempre em constituição, que constroem o significado do Daime por meio de representações que se tornam parte essencial de sua existência simbólica. O hino a seguir, do Sr. Valdete Mota de Melo, um dos líderes mais proeminentes da religião na atualidade, fala da compreensão do Daime como um sacramento cristão.

(...) Eu tomo Daime
E considero este vinho
O mesmo vinho
Que Jesus deu pra tomar
Aos seus apóstolos
E disse em minha memória
Que é para sempre
Esta luz nunca faltar.

2.3 O Ser Divino, o Mestre Jesus e o Mestre Juramidam

Outros relatos e hinos mencionam a presença de um ser divino no Daime. O hino a seguir, do Sr. Odemir Raulino da Silva, fala do Daime como “um ser divino transformado em líquido”.

Quem não provou
Venha provar
Dessa bebida

Que aqui está
 Um ser divino
 Transformado em líquido
 Vem acordar
 O nosso espírito
 Se acordados
 Podemos ver
 O Mestre ensina
 Vamos aprender

Mas que ser divino é esse segundo a compreensão compartilhada dos daimistas? Existem relatos na doutrina daimista que associam a pessoa do Mestre Irineu ao Daime. O relato a seguir é do Sr. Walsírio Genésio da Silva, filho consanguíneo do fundador, e foi coletado em entrevista pelo pesquisador Eduardo Bayer Neto em 15/11/1991, na cidade de Rio Branco – AC. Segundo o Sr. Walsírio,

Ele (o Mestre Irineu) disse para nós: “Eu sou o Daime, e o Daime é eu”. Primeiramente ele disse: “Eu sou o Jagube¹², e o Jagube é eu”. “Eu sou o Daime, e o Daime é eu, e quando quiser conversar comigo, se reúnam, se unam, tomem um Daime e eu estarei ao lado de vocês”. Isso é muito fácil do senhor aprender. (...) Se o senhor se prestar a esse trabalho, ter seu comportamento, sua dieta, porque sempre ele vem. Ele sofreu muito para aprender, pra trabalhar, pra deixar pra nós.¹³

O relato do Sr. Walsírio revela que o próprio Mestre Irineu identificava-se inicialmente com o Jagube e mais tarde com o próprio Daime, fato que corrobora a ideia da bebida como elemento que se estrutura semanticamente por meio de reiteração dos sentidos presentes nas narrativas orais e no diálogo contínuo que se estabelece com elas.

Com o passar do tempo, alguns adeptos passaram a considerar o Mestre Irineu como reencarnação do próprio Jesus ou como uma pessoa que alcançou a sua cristificação, podendo ser equiparado semântica e simbolicamente à pessoa de Jesus Cristo. Essa ideia está presente, por exemplo, no relato do Sr. Luiz Mendes do Nascimento em resposta à pergunta: “O que o Mestre Irineu representa para o senhor?”, feita durante entrevista realizada por mim em maio de 2004, no Seringal Fortaleza (AC).

Essa pergunta me foi feita por um irmão nosso assim que eu iniciei os meus trabalhos na doutrina. Aí eu tava naquele auge, naquela expectativa, com vontade de saber. Ainda hoje... nunca é suficiente. Mas saber o que ele representava na íntegra eu tinha muito pouco, em relação ao que eu tenho hoje. Aí um irmão nosso, o compadre Chico Granjeiro (...) que teve uma convivência bem maior, bem de perto com Mestre... um dia nós trabalhando

¹² Jagube é o nome pelo qual o cipó *Banisteriopsis caapi* é conhecido na religião.

¹³ Esse relato foi retirado de uma entrevista realizada pelo Sr. Eduardo Bayer Neto em 15 de novembro de 1991, na cidade de Rio Branco, Acre.

assim no serviço pesado mesmo, de roçado... em dado momento ele me perguntou assim: Luiz, me diz uma coisa, o que você acha que o Mestre é? O que ele representa?

Eu digo: Seu Chico eu não sei lhe dizer não! Assim diretamente... sei bem que ele é um ser espiritualizado de muito valor como Mestre, ensinador... É um ser espiritual habitando aqui entre nós ?

Ele diz: Pois eu te digo!

(Luiz Mendes) Você me diz!

(Chico Granjeiro) Te digo e não peço que nem seja confidenciário. O Mestre é Jesus!

(Luiz Mendes) Eu digo: E é, seu Chico?

Ele disse: É...O Mestre é Jesus!

E eu:Tá muito obrigado...

E a partir dessa afirmação dele, eu fui, botei o pé no caminho e fui atrás! Eu digo: Seu Chico me falou que o Mestre é Jesus, eu vou procurar se ele é Jesus mesmo... habitando entre nós na carne, como eu já fui de outra feita¹⁴ ou quem sabe de tantas outras vezes!

Aí botei o pé no caminho e fui atrás, e ainda tô nessa caminhada em busca realmente... Mas eu já posso lhe adiantar que o compadre Chico tem razão! Foi um Jesus! Foi um Jesus! Ele chegou a uma perfeição tal que se cristificou! Quer dizer duas pessoas distintas que viveram tempos diferentes, mas que quer dizer a mesma coisa. Porque o próprio Antônio Gomes, que é um dos portadores de um hinário de muito valor!, que é realmente toda uma expressão verdadeira, ele diz que 'Jesus Cristo veio ao mundo. Terminou o que veio fazer. Entregou ao nosso Mestre... que é Mestre Irineu! Ele tem o mesmo poder'.

Então, ele tendo o mesmo poder de Jesus, o que falta pra ser Jesus? É Jesus mesmo, porque se eu..., por exemplo, tivesse os poderes de Jesus, eu também seria Jesus, mas eu não tenho os mesmos poderes! Então num é tanto mistério! Num é tanto mistério, num dá nem assim pra se questionar e fazer confusão...

Então pra mim ele é Jesus! (entrevista, 2004, Seringal Fortaleza – AC)

Pelo relato do Sr. Luiz Mendes, é possível notar que o Mestre é percebido inicialmente pelo entrevistado como “um Jesus”, duas pessoas distintas, ou seja, dois espíritos diferentes. Em seguida, ao avançar na sua compreensão sobre o assunto, baseando-se na narrativa apresentada por um hino do Sr. Antônio Gomes¹⁵, ele entendeu que o Mestre tinha o mesmo poder de Jesus, ou seja, tinha alcançado a mesma graduação espiritual que Jesus alcançou. Essa ideia está expressa quando o Sr. Luiz Mendes diz: “Ele chegou a uma perfeição tal que se *cristificou*”. Por fim, ele compreende que Jesus e Irineu foram duas pessoas distintas, mas que “quer dizer a mesma coisa”, que representam uma mesma “coisa”: a presença *crística*. Ao chegar a esse entendimento ele é capaz de afirmar: ele é Jesus!

¹⁴ Como ele mesmo já tinha encarnado no passado.

¹⁵ Hino 30 – “Recebemos com amor” (recebido pelo Sr. Antônio Gomes) “Recebemos com amor / O que o nosso Pai quiser nos dar / O nosso Mestre dá força / E nós temos que atravessar / Nós devemos reparar / O Filho da Virgem Pura / Que Ele sofreu por nós / Muitos goles de amargura / Todos nós devemos ter / Esta consagração / Que Ele foi para o Vosso trono / E deixou o Mestre na missão / A todos nós Ele ensina / Aprender a ter amor / Ter firmeza em Jesus Cristo / Que Ele é o nosso Salvador / Jesus Cristo veio ao mundo / Terminou o que veio fazer / Entregou ao nosso

R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.7, n.2, p. 316-342, jul/dez. 2010

No entanto, além de considerar o Mestre Irineu como Jesus Cristo, seus adeptos ainda o chamam de Juramidam. Segundo relatos dos seguidores mais antigos com quem tive contato ao longo da pesquisa, a primeira vez que a palavra Juramidam apareceu na religião foi em um hino recebido pelo Sr. Antônio Gomes, um dos primeiros adeptos da religião, o qual se intitula “O General Juramidam”.¹⁶ Trata-se de um neologismo cujo significado se constrói por meio da leitura transversal de diversas narrativas, entre as quais o hino rebido pelo Sr. Antônio Gomes. Diz o hino:

O General Juramidam
Os seus trabalhos é no astral
Entra no reino de Deus
Quem tem força divinal...

Quando surgiu, segundo os mesmos informantes, o hino foi interpretado pelos seguidores como uma referência à pessoa do Mestre Irineu. Por sua vez, a presença do título de General se remete aos momentos iniciais da religião, onde os seguidores recebiam patentes de acordo com o seu grau espiritual, realidade vivida pelo Sr. Antônio Gomes, que foi um dos primeiros discípulos do Mestre Irineu.

Entretanto, a compreensão mais comum que encontrei entre os adeptos da palavra Juramidam fala que esse seria o nome do Sr. Irineu no astral ou realidade espiritual. Como pude perceber, os daimistas consideram que as pessoas têm um nome “na terra” e outro “no astral”, e que Midam seria, inclusive, o nome de uma família na realidade espiritual. A fala do Sr. Luiz Mendes presente em entrevista que me concedeu em maio de 2007, em Rio Branco (AC), fala dessa compreensão:

Juramidam é isso. Foi uma identificação que ele buscou e encontrou todo um império aqui na Terra. Como acontece com cada um de nós. A gente tem esse nome apropriado, necessário pra se definir as pessoas. O meu é Luiz, o seu é Isabela. Mas isso dentro desse plano terrestre (...) Lá (na realidade espiritual) é outro nome. Nossa identificação nominal é outra.(...) Já existem pouquíssimas... mas existem revelações (...). Cumadre Percilia se revelou como “Taio Cires Midam”, a cumadre Maria Gomes, mãe da cumadre Adália, é a “Maria-nanaí” (risos). O Mestre Irineu, Raimundo Irineu Serra, “Rei Juramidam”. E são exemplos assim revelados e que vem caracterizar que se dá a cada um de nós aqui é um nome. O cumpadre Tufi aqui tem um nome “e no mar sou Adão Marinho”¹⁷ (risos). São revelações que a gente vai relacionando e vai encontrando então dentro desse contexto. Ele é o rei Juramidam. Somos considerados da sua família. Aí a gente não pode dizer que seja diferente, como trata o hino do Padrinho

Mestre / Ele tem o mesmo poder.”

¹⁶ Hino 13 do hinário “O amor divino” do Sr. Antônio Gomes

¹⁷ Palavras de um hino do Sr. Tufi.

Sebastião Mota (...) que fala que nos todos somos Midam (entrevista, maio/2007, Rio Branco – AC)

Assim confirma-se, nas palavras do Sr. Luiz Mendes, a compreensão de Juramidam como um nome espiritual que se refere também a toda uma família. Seu relato ainda apresenta a ideia de império. Dentro da religião a palavra Juramidam tanto se refere à pessoa do Mestre como à imagem de Império, estando esses dois conceitos ligados entre si, como pode ser percebido nas palavras proferidas pelo dirigente da sessão no encerramento de um ritual.

Dirigente: Em nome de Deus Pai e da Virgem Soberana Mãe, do Patriarca São José, de todos os seres divinos da corte celestina e com a ordem no nosso Mestre¹⁸-Império Juramidam, está encerrado o trabalho de hoje meus irmãos e minhas irmãs. Louvado seja Deus nas alturas.

Todos juntos: Para sempre seja louvada a nossa mãe Maria Santíssima sobre toda a humanidade. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Entretanto, o relato do Sr. Sebastião Mota de Melo avança na compreensão do significado do que seria esse império na medida em que, para esse senhor, na palavra Juramidam o radical Jura se refere ao Pai, a Deus, e Midam a cada um de seus filhos. Ao longo de suas várias palestras e hinos essa ideia se exprime de diferentes maneiras. Acrescento o trecho a seguir que oferece, além dessa compreensão, alguns desdobramentos que se fazem perceber na religião sobre esse tema.

Vamos estar na perfeição perante o nosso Pai Supremo Celestial porque agora é tempo do Espírito Santo. Cada um que se conforme e entre em comunhão com Jesus Cristo, como assim está dito e escrito no Terceiro Testamento! Tem o Primeiro, vida de Deus Pai, o mundo dele. O Segundo, o mundo de Jesus Cristo. E o Terceiro, o mundo do Espírito Santo, pois até o nome é Jura. Como disse, o nome agora é Jura, e é Juramidam. Quem não for Midam não pode ser filho de Jura. Acredite quem acreditar, mas se não nascer de novo, não terá a Vida Eterna! (ALVERGA, 1998, p. 110)

Assim, analisando as palavras do Sr. Sebastião, é possível perceber que ele relaciona Juramidam à terceira pessoa da Santíssima Trindade, ao Espírito Santo, e acrescenta ainda que, na sua compreensão, vivemos o período representado, na sua narrativa, como o tempo do Terceiro Testamento, que fala das manifestações do Espírito Santo, uma ideia que se encontra bastante difundida na religião na

¹⁸ Nas sedes do Alto Santo é comum que se utilize a palavra Chefe-império ao invés de Mestre-império, a qual fala da resignificação do Sr. Irineu como Mestre.

atualidade, como pude perceber ao longo de minha pesquisa de campo.

Assim, na medida em que houve uma identificação do Daime com um ser divino, e esse ser divino foi identificado com o próprio Mestre Irineu e este, por sua vez, foi considerado Jesus e Juramidam foi se dando a ressignificação da bebida Ayahuasca como um sacramento eucarístico cristão.

Acrescento a seguir, sobre esse tema, um hino do Sr. Sebastião Mota de Melo, um dos seguidores mais proeminentes do Mestre Irineu e um dos principais responsáveis pela expansão da bebida para o sul do Brasil.

Estou aqui porque meu pai me mandou
Estou aqui porque sou o Salvador
Engarrafei, sempre vivo engarrafado
E o povo muito animado procurando o seu valor (...)

Como pode ser percebido pelo hino do Sr. Sebastião Mota de Melo, o Daime para os seguidores da religião representa o Salvador, uma presença crística “engarrafada”. No entanto, se o Daime representa para os seguidores da religião o próprio Cristo, também trata-se de uma releitura particular do que vem a ser o Cristo. Isso pode ser percebido no hino a seguir, do Sr. Alfredo Gregório de Melo, atual dirigente espiritual ICEFLU, a entidade daimista que mais congrega adeptos em diversos países na atualidade.

O Daime é o Daime
Eu estou afirmando
É o divino Pai Eterno
E a Rainha Soberana
O Daime é o Daime
O professor dos professores
É o Divino Pai Eterno
E seu filho redentor

O Daime é o Daime
O Mestre de todos ensinamentos
É o divino Pai Eterno
E todos seres divinos (...)

Assim, pelo hino do Sr. Alfredo Gregório de Melo é possível perceber que o Daime é uma presença crística que inclui o “Pai Eterno”, a “Rainha Soberana” e todos os seres divinos. Nesse sentido, trata-se de uma presença crística que se assemelha mais ao Espírito Santo, à terceira pessoa da Santíssima Trindade que a tudo vivifica.

CONCLUSÕES

Com o passar do tempo, dentro da dinâmica histórica da oralidade, foi se consolidando a ressignificação da Ayahuasca, inicialmente percebida como bebida associada ao universo simbólico não cristão para, progressivamente, uma bebida cristã ligada à cura de doenças, até o seu significado atual de sacramento eucarístico cristão, presença viva do Espírito Santo. Nesse sentido, é possível perceber que as narrativas orais que fundamentam a religião, entre as quais destaco as memórias dos seguidores mais antigos e os hinos entoados nos rituais, formam uma teia de significados em constante ressignificação que sustenta as práticas e os sentidos atuais da religião e que oferece uma resposta, uma solução imaginária para a compreensão da bebida como veículo de cura e sacramento cristão.

Entendendo a cultura como essa teia de sentidos que se ressignifica constantemente no diálogo entre as pessoas e os significados expressos na sua realidade social, percebo a compreensão atual da bebida Ayahuasca como uma das leituras possíveis, atualizada e objetivada mediante a produção, a apropriação, os usos e as práticas culturais diversas, historicamente determinadas.

Também, a compreensão que começa a se formar na atualidade, da bebida como patrimônio histórico e cultural imaterial, revela que esse processo de constituição de significados é contínuo e aponta para a necessidade de se fazer uma leitura sempre atualizada dos significados contidos em determinada religião e de percebê-la como fenômeno social, inserido em diferentes dimensões históricas e socioculturais.

Por todo o exposto, é possível observar que, ao longo de aproximadamente um século, aconteceu uma mudança extraordinária na compreensão da Ayahuasca no contexto da religião Santo Daime, conforme pode ser percebido pela análise da história do Mestre Irineu e seus discípulos. O significado da bebida, inicialmente associado à ideia de substância deletéria e de uso social, foi passando progressivamente a ser considerado salutar e sagrado, até adquirir a dimensão atual de patrimônio histórico e cultural latino-americano.

REFERÊNCIAS

- ALVERGA, Alex (Org.). **O guia da floresta**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 1992.
- BERGER, Peter. **O dossel sagrado**: Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Editora Paulus, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1992.
- CEMIN, Arneide Bandeira. **Ordem, Xamanismo e Dádiva**: O poder do Santo Daime. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1998.
- CHAUÍ, Marilena de Sousa. **Brasil**: Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000, 103 p.
- COUTO, Fernando La Rocque. **Santos e Xamãs**. 1989. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 1989.
- DOBKIN, Marlene De Rios. **Visionary Vine**: Hallucinogenic hallucinogenic healing in the Peruvian Amazon. San Francisco: Chandler Publishing, 1972.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992.
- FRENOPOULO, Christian. Iglesias de Ayahuasca: del chamanismo a religiones universales de salvación. In: SIMPÓSIO "DROGAS – CONTROVÉRSIAS E PERSPECTIVAS, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: NEIP, 2005. (áudio)
- GEERTZ, Clifford James. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- GOULART, Sandra Lúcia. **Raízes Culturais do Santo Daime**. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1996.
- GOULART, Sandra Lúcia. **Contrastes e Continuidades em uma Tradição Amazônica**: as religiões da Ayahuasca. 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, UEC, Campinas, 2004.
- R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.7, n.2, p. 316-342, jul/dez. 2010

GROISMAN, Alberto. **Eu venho da Floresta**: Ecletismo e práxis xamânica daimista no "Céu do Mapiá". Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 1991.

GROISMAN, Alberto. **Eu venho da Floresta**. Um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

GROISMAN, Alberto. **Santo Daime in the Netherlands**: An Anthropological Study of a New World Religion in a European Setting. Tese (Doutorado em Antropologia Social) –Universidade de Londres, Londres, 2000.

LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena (Orgs.). **O uso ritual da Ayahuasca**. 2 ed. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

LUNA, Luis Eduardo. **Vegetalismo**: Shamanism among the Mestizo Population of the Peruvian Amazon. Estocolmo, Suécia: Almqvist and Wiksell International, 1986.

MACRAE, Edward. **Guiado pela lua**. Xamanismo e uso ritual da Ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

MCKENNA, Terence. **Food of the Gods**: The Search for the Original Tree of Knowledge. A Radical History of Plants, Drugs, and Human Evolution. New York: Batam Books, 1992.

OLIVEIRA, Isabela. **Santo Daime**: um sacramento vivo, uma religião em formação. 2007. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2007.

SANTOS, Rafael Guimarães dos. **Efeitos da ingestão de ayahuasca em estado psicométricos relacionados ao pânico, ansiedade e depressão em membros do culto do Santo Daime**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade de Brasília, UnB, Brasília, 2006.

THOMPSON, Edouard Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Artigo:

Recebido em: 07/05/2010

Aceito em: 30/06/2010